

O PROCESSO DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: narrativas de surdos universitários da Universidade federal do Maranhão

Antonio Hercles Coelho Almeida¹
Francisca Melo Agapito²

INTRODUÇÃO

Os estudos recentes que discutem a Educação Especial inclusiva têm destacado que um dos maiores desafios no contexto escolar ou acadêmico tem sido de fato a materialização da inclusão. No contexto do Ensino Superior alguns elementos são imprescindíveis como a organização curricular, os planejamentos em sala de aula; práticas docentes, buscas individuais discentes. Todos estes aspectos têm sido concebidos como fundamentais para que o processo educativo de pessoas com especificidades educacionais seja eficiente nesse nível de ensino. Tendo em vista, em particular, que a universidade é um espaço que demanda dos sujeitos, nele, inseridos, mais autonomia em comparação à educação básica (GOÊS, 2012).

Indiscutivelmente, o contexto universitário é um desafio para todas as pessoas. Conseguir habituar-se às novas informações e os novos conhecimentos, contornar as problemáticas vivenciadas na trajetória escolar anterior, são fatores que geralmente apresentam se apresentam nessa etapa acadêmica (BISOL, 2021). A autora diz ainda que, para lidar com os desafios universitários, os sujeitos aprendentes deverão buscar integrar-se, adaptar-se para conseguir adequar-se no novo sistema educacional. Contudo, o abandono e o insucesso marcam, demasiadamente, a trajetória acadêmica de muitos desses sujeitos. Ao nos referirmos aos surdos tais aspectos também estão presentes, acrescentando ao exposto as barreiras comunicativas, sobretudo, são grandes entraves para uma experiência satisfatória no Ensino Superior.

Com o advento da Lei nº 10.436/2002, discentes surdos tiveram a sua Língua reconhecida e, com base no Decreto nº 5.626/2005 estão inseridos legalmente nos espaços educacionais. Todavia, o objetivo da educação inclusiva não é somente colocar o discente em sala, mas sim propiciar a aquisição de conhecimentos, desenvolvimento e preparo para atuação em sociedade no seu pleno exercício enquanto cidadão. E sob este aspecto,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPFOPRED) / UFMA/ Imperatriz. E-Mail: ahc.almeida@discente.ufma.br

² Doutora em Ensino. Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Docente permanente do PPFOPRED/UFMA. E-mail: francisca.agapito@ufma.br

o Ensino Superior se constitui elemento preponderante para que o surdo esteja atuando no mundo do trabalho com formação eficiente.

Mas ainda assim, em meios às políticas de inclusão que foram planejadas visando beneficiar alunos com deficiência, propiciar conhecimento, crescimento social, cultural e intelectual a esses sujeitos, muitos são os desafios. Pois, se estas garantirem apenas a presença dos alunos em sala de aula física, no contexto da surdez, temática discutida neste trabalho, pressupõe-se mais complexidade a considerar que a comunicação linguística acontece em modalidade diferenciada da sociedade ouvinte. Em face dessa colocação, as questões norteadoras que embasam este trabalho são: como discentes surdos percebem o processo inclusivo na UFMA? Que dificuldades são encontradas para uma comunicação efetiva? Que aspectos podem contribuir para melhorar a inclusão na universidade? Nesse sentido, para responder a tais questionamentos nosso objetivo central foi: analisar a percepção de discentes surdos sobre seu processo de inclusão na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com base nas suas narrativas.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho o caminho metodológico se iniciou com um levantamento bibliográfico com o aparato referencial que baseia as discussões na área da educação de surdos. Utilizou-se a pesquisa qualitativa, que segundo Marconi e Lakatos (2017) é uma abordagem que não se preocupa com números, mas sim com as relações sociais, com resultados subjetivos sobre determinada temática.

A pesquisa de campo ocorreu em 2021, com discentes surdos da UFMA devidamente, matriculados e ativos em cursos de graduação da instituição. Para este trabalho analisaremos as narrativas de três discentes. Estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que tem o intuito de resguardar os participantes, bem como demais aspectos da ética na pesquisa. Nesse sentido, sua identificação se dará por meio da codificação: Universitário 1, 2 e 3. A geração de dados foi efetivada por meio de entrevistas semiestruturadas. Conforme Santos e Cadeloro (2006, p. 75), apontam que na “entrevista semiestruturada haja uma confluência de perguntas previamente elaboradas com outras pautadas a partir de respostas e elucubrações dos entrevistados”. A partir dos dados gerados foi realizada uma análise descritiva. Este aspecto permitiu que houvesse um olhar mais aprofundado sobre os

discursos dos participantes, com o foco em suas percepções sobre o processo inclusivo no ensino superior. O resultado desse processo é apresentado a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procurando entender como tem sido a inclusão no ensino superior, indagamos aos discentes surdos sobre como acontece a comunicação na universidade. As respostas³ evidenciaram que há a presença de intérpretes de Libras em sala de aula, além da comunicação entre colegas. Os trechos a seguir apresentam este aspecto: “O intérprete de Libras em sala de aula que é responsável pela comunicação entre surdo e ouvintes dentro da faculdade” (UNIVERSITÁRIO 1); O universitário 2 apontou que “Dentro de sala de aula, como a lei orienta, há intérpretes para mediar a comunicação. Fora, alguns colegas usam gestos, uma comunicação mais simples”. Já o universitário 3 narrou que “As aulas bastante não é fácil, mas pesada, começava aula que primeira surda na sala mas interação com colegas apesar outro horário sem interprete de Libras porque outras colegas deram informações”.

Observa-se que apesar dos avanços da comunicação entre surdos e ouvintes na sociedade, ainda há distâncias entre expectativa e realidade, em alguns aspectos. A mediação desse processo e seus respectivos efeitos fortalecem a necessidade e relevância do papel de intérpretes e tradutores no campus universitário. Os gestos e outras estratégias de comunicação são utilizados e viabilizam a interação, mas é fundamental o uso da língua natural da pessoa surda.

Sobre recursos utilizados em sala de aula que favoreciam a comunicação, os entrevistados responderam: “Gostaria mais de imagem e a prática na aula, é assim ajuda bastante” (UNIVERSTÁRIO 1). Já o Universitário 2 informou que “[...] livros, slides e dinâmica em sala de aula. Comunicação com os intérpretes de Libras nas aulas. Talvez professores pudessem colocar figuras nos slides. A narrativa do Universitário 3 apontou que [...] quando o professor utiliza recursos como o slide, data show, facilita porque na maioria das vezes ele para fazer a leitura e aí consigo acompanhar e prestar mais atenção”. Na continuidade de sua resposta este ainda expressou que “Além disso, quando há vídeos é importante que sempre tenha legendas para que eu consiga acompanhar melhor”.

³ A estrutura e ordem de algumas frases está descrita da mesma forma que o entrevistado surdo relatou. Desta forma cabe destacar que o Português escrito por surdos possui algumas diferenças nos elementos das normas da Língua Portuguesa.

Diante do exposto, evidencia-se o déficit de estimulação visual durante as aulas, como estratégia que favoreça a aprendizagem. Os recursos gráficos são fatores que otimizam o processo educativo tanto de surdos quanto de ouvintes, portanto, sua ausência pode gerar danos. O mesmo se aplica à ausência de legendas em apresentações de vídeos, por isso a importância de se conhecer as especificidades dos sujeitos surdos.

Buscando entender a questão da inclusão para além da sala de aula perguntamos se em algum momento ficaram sem atendimento ou sem respostas para alguma demanda no âmbito da universidade por ausência na comunicação. Todos foram unânimes em afirmar que ainda há momentos que ocorre ausências, como por exemplo, informações em alguns setores da universidade que não tem intérpretes. A falta de compreensão da escrita da pessoa surda, que tem a estrutura diferente da Língua Portuguesa também foi mencionada. Sobre este aspecto apresentamos o seguinte trecho:

[...] precisei resolver certas demandas e não consegui porque mesmo utilizando a escrita a pessoa não compreendeu o que escrevi por conta da forma como uso o português (às vezes trocando letras ou errando a grafia de certas palavras). Por isso, sempre tento resolver com o intérprete para facilitar meu acesso as coisas e diminuir os limites e barreiras comunicativas (UNIVERSITÁRIO 3).

Projetos de inclusão são necessários para mitigar os danos decorrentes de demandas mal resolvidas que incidem sobre a comunidade surda. A narrativa exposta anteriormente indica que a diferença estrutural entre as formas em que a Língua Portuguesa é utilizada entre surdos e ouvintes, constitui-se um dos principais entraves da comunicação no contexto universitário.

Ao indagarmos sobre suas perspectivas, em particular, a reflexão sobre que aspectos podem contribuir para melhorar a inclusão na universidade, os participantes da pesquisa responderam: “Prática no horário de outra escola precisa duplas qualquer disciplina q seja com Libras, de professor e outro aprendiz ou seja instrutor ou qualquer for como chama esse nome” (UNIVERSITÁRIO 1). Na percepção do Universitário 2 é “Importante mais horas para especializar surdos estudar acompanhando intérpretes de Libras e livros. Facilitar mais comunicação, melhorar nova disciplina de Libras dos cursos mais interação com inclusão desenvolvendo conhecimento”. Na visão do Universitário 3 uma melhoria significativa para a inclusão no superior seria que os “Alunos surdos na educação inclusiva perspectiva bilíngue”. Os relatos ora apresentados suscitam expectativas positivas em relação à medidas de inclusão, contudo, podemos afirmar que o processo inclusivo permanece em construção e se constitui de desafios ainda presentes no ensino superior, em particular, no contexto pesquisado.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados obtidos inferimos que o processo inclusivo na UFMA vem se construindo se buscando proporcionar a inclusão que os acadêmicos surdos necessitam. Entendemos que há situações que ainda precisam ser melhoradas, mas os avanços são perceptíveis. No tocante às colocações sobre comunicação os surdos evidenciaram que o intérprete se constitui em elemento essencial que proporciona a estes discentes estarem incluídos em sala de aula, pois atuam conforme as necessidades dos estudantes surdos intermediando a comunicação linguística durante as aulas, demonstrando que a Lei nº 12.319/2010, que trata sobre a participação do profissional tradutor/intérprete de Libras tem sido uma conquista essencial para a inclusão acadêmica dos surdos. Contudo, um ponto importante apontado refere-se as barreiras comunicativas em outros setores da universidade; algumas por desconhecimento sobre as especificidades dos surdos com relação à escrita que se concretiza com outra estrutura que é diferente do português utilizado pelos ouvintes. Assim, este fator se configurou como um desafio para uma comunicação efetiva e inclusão em outros espaços que ultrapassam a sala de aula.

Acerca de recursos que favorecem o processo educacional quando em sala de aula, os entrevistados evidenciaram os aspectos visuais tais como, slides, imagens e figuras são os principais fatores que contribuem para melhor acesso às informações dos conteúdos, além de legendas. Sobre esse fato Sá (2016), afirma que a imagem é o que transmite novas e diferentes formas do surdo entender o mundo ao seu redor. Pensamos assim que, tal especificidade precisa ser considerada em sala de aula para permitir a inclusão não só nos espaços físicos, mas de uma educação eficientes aos surdos, e nessa direção, entendemos que muitos professores na universidade já vêm adotando estas estratégias, como relatado pelos entrevistados.

Em suma, em face do exposto pelos surdos na pesquisa, compreendemos que são necessárias mais ações que promovam conhecimentos sobre pessoas surdas, tais como sua escrita, sua língua natural, aproximando-se do que propõe Skliar (2016) quando pontua que é preciso que as instituições conheçam as especificidades destes alunos. Registramos ainda os avanços com relação a presença de intérpretes e a valorização de aspectos visuais para se promover a inclusão em sala de aula. Assim, esperamos que os resultados aqui expostos possam servir para que melhorias na inclusão no ensino superior possam se efetivar; que o sujeito surdo continue buscando formas de lutar pela inclusão,

expressando suas necessidades para que a sociedade em que vive possa possibilitar transformações.

Palavras-chave: Educação de surdos; Comunicação; Desafios e perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Cláudia Alquati *et al.*, Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p.147-172, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a08.pdf>>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

BRASIL. **LEI Nº 12.319, DE 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 12 de mar. 2021.

_____. **Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> Acesso em 20 de abril de 2019.

_____. **Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005.** Acesso em 20 de abril de 2019. Regulamenta a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Libras. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm> . Acesso em 20 de abril de 2019.

GÓES, M.C.R. de **Linguagem, Surdez e Educação**. Campinas/ SP, Editora Autores Associados, 2012.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SK LIAR, Carlos (Org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SÁ, Nídia Regina de. O discurso surdo: a escuta de sinais. In: **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. SK LIAR, Carlos (Org.). 8ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SANTOS, V.; CANDELORO, R. **Trabalhos acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: AGE, 2006.